

Economia - Brasil

Economia

E S P E C I A L

179

A transição do sólido ao gasoso

107

Miriam Leitão

Tudo que parecia sólido nas décadas anteriores desmanchou no ar nos anos 80. O país, acreditavam os brasileiros, estava destinado a manter sua marcha batida de crescimento. A máquina engasgou na crise da dívida externa, na falência do todo-poderoso Estado, e na incontrolável inflação. Foram anos de crise e desta vez o assunto não foi apenas tema de teses acadêmicas. Também os comuns mortais tiveram que aprender às pressas as manhas da convivência com a inflação para defender suas rendas da constante ameaça de corrosão.

Em 1981 e 1983, o país viveu inéditas recessões, com desemprego e saques em supermercados; em 1986 iludiu-se com o sonho da estabilidade suíça para os preços e em 1989 não fez outra coisa que não fosse evitar a hiperinflação. Diante da explosão dos preços do petróleo, o governo, as montadoras multinacionais e os usineiros venderam aos brasileiros uma solução genial: o Proálcool. O programa consumiu recursos públicos e coloca proprietários de 4,5 milhões de carros a álcool sob a ameaça do desabastecimento. Quando o México quebrou em 1982, o Brasil e a América Latina não sabiam, mas estava começando o maior pesadelo de suas histórias recentes. Para enfrentar o desafio de uma dívida externa, a produção foi direcionada para a exportação. O país vendeu o que pôde, achatou os salários e fechou os portos a uma variedade de produtos importados. Colheu ao final do período indicadores que mostram que as exportações aumentaram muito, o PIB cresceu pouco e a renda *per capita* manteve-se acanhada. E a questão da dívida ainda está longe da solução.

De qualquer forma, foi uma década memorável. Apelidada de década perdida pelos economistas, os anos 80 encerram uma série de lições para serem resgatadas quando o país entra em novo ano, nova década e novo governo. Esta conjunção de mudanças faz com que os brasileiros estejam hoje pouco retrospectivos. A tendência agora é olhar para a frente e ter de novo esperança. O ministro Maílson da Nóbrega acha que, ao contrário do que se diz, esta foi uma década ganha na construção da democracia e no aprendizado de quais são os desafios nacionais. O economista Mário Henrique Simonsen acha que a vocação para o crescimento pode ser retomada desde que o país resolva seguir agora uma inevitável dieta. Os professores Eduardo Modiano e Dionísio Carneiro acreditam que é possível não perder a próxima década. Edmar Bacha analisa detalhadamente a questão da dívida externa e aponta soluções. Artigos de especialistas e reportagens mostram nas páginas seguintes deste caderno como as lições da década perdida podem ajudar a ganhar a próxima.

Luiz Dacosta

